

A centralidade da linguagem e do trabalho em *Quarto de Despejo*

Language and labour centrality in *Quarto de Despejo*

Angela Maria Rubel Fanin¹
Carla Prado Vilela²

RESUMO: A linguagem é elemento central para a constituição do ser humano, pois, além de ser mediadora entre os homens e as coisas, recria o mundo exterior e, nesse processo, o homem se constitui enquanto ser social. Assim como a linguagem, outra centralidade importante na instituição do sujeito é o trabalho, também elemento ontológico e formador do homem. Buscou-se analisar neste artigo, como ocorre a formalização discursiva da linguagem e do trabalho na literatura, e a obra em foco é *Quarto de despejo*, de Carolina Maria de Jesus. Como horizonte teórico linguístico, valemo-nos de Bakhtin/Volochínov (1986); para o entendimento do trabalho partimos das concepções de Marx (1996); Engels (1990) e Lukács (2004). No cenário brasileiro, a obra de Bosi (2002) auxiliou-nos a refletir acerca da literatura enquanto campo de resistência em um mundo degradado e de Candido (1976) no sentido das articulações entre texto e contexto. Como resultado da análise considera-se que a linguagem, corporificada no trabalho imaterial da escrita, tem um papel central na vida da autora, pois é por meio dela que a obra realiza uma denúncia social, possibilitando certa transcendência para a autora. O trabalho, por sua vez, longe de ser um elemento de satisfação na vida da autora, configura-se como uma atividade ausente de sentido e de valor humano. Todavia, é desse universo precário do trabalho material desqualificado que a sua linguagem também se faz, constituindo-se enquanto híbrido entre o pragmático e o literário.

Palavras-chave: Literatura Brasileira; Linguagem; Trabalho.

ABSTRACT: Language is essential to mankind and it is a means to interact with nature. Another important element in the discursive constitution of the subject is labour; through it men transform themselves and the surrounding society and this is one of the most ontologically salient features of it. In this sense, this article analysis the literary representation of language and labor world in *Quarto de despejo*, by Carolina Maria de Jesus. As a theoretical framework to discuss concepts of labour it is adopted Marx (1996); Engels (1990) and Lukács (2004) whose works investigate that universe. Bakhtin/Volochínov (1986), to reflect on language; Bosi (2002), to analyze literature as a field of resistance and Candido (1976), to consider the interactions between text and context. As a result of this investigation, it was concluded that language, represented by the work of a writer, has a central role in the life of Carolina, because it is through language that the author develops a social critique of the oppressive scenario in which she lives, transcending it in a certain measure. Carolina's work, garbage collector, is not an element of satisfaction in her life, but a meaningless activity and worthless human. However it is through the precarious work universe that language constitutes itself, unfolding as a hybrid between the material world and literary expedients.

¹ Docente de letras, comunicação e pós-graduação na UTFPR. Bolsista em produtividade em pesquisa, CNPQ. E-mail: rubel@utfpr.edu.br

² Mestranda, UTFPR, bolsista CNPQ. E-mail: carlaprado2000@gmail.com

Keywords: Brazilian Literature; Language; Labour.

Vi ontem um bicho na imundície do pátio catando comida entre os detritos. Quando achava alguma coisa, não examinava nem cheirava: engolia com voracidade. O bicho não era um cão, não era um gato, não era um rato. O bicho, meu Deus, era um homem.

O bicho, Manuel Bandeira³.

INTRODUÇÃO

Este artigo analisa o universo da linguagem e do trabalho na obra *Quarto de Despejo*, de Carolina Maria de Jesus, publicada em 1960. A obra é um rico conjunto discursivo acerca dessas temáticas, uma vez que a própria autora representa ali, dentre outras problemáticas, o seu cotidiano como catadora de papéis e escritora no grande centro urbano de São Paulo, e também o universo social de outros trabalhadores que a cercam, como as costureiras, o telegrafista, as prostitutas, o negociante, os políticos, o carteiro, as enfermeiras, o sapateiro, os operários fabris e os garis.

Concebe-se aqui a obra literária como um sistema simbólico de comunicação inter-humana, situada em dado cronotopo. Entretanto, embora haja essas coordenadas espaciais e temporais imediatas, o objeto literário também deita raízes em temporalidades de longa duração, recuperando discursos anteriores que podem ser seculares e milenares. Essa perspectiva histórica de curta e longa duração é de extrato bakhtiniano que embasa esta pesquisa. Para Candido (1976), uma obra não deve ser analisada unicamente em seu nível estrutural (formalismo) ou social (sociologismo), mas sim percebida como uma tessitura em que os elementos sociais, ou seja, os dados externos, são recriados pelos elementos estruturais e composicionais literários, formando um conjunto orgânico e indissociável. Todavia é importante salientar que não há homologia entre os dados externos e a linguagem literária, mas sim uma recriação, haja vista que a linguagem é mediadora entre os homens e as coisas. A mediação passa pela visão de mundo de uma época, de um autor e do gênero em que escreve. Esses três fatores concorrem para a especificidade dessa reconstrução da materialidade por intermédio da linguagem literária.

³ BANDEIRA, Manuel. *Estrela da Vida Inteira*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

A concepção de linguagem que aqui se adota é a de Bakhtin/Volochínov (1986), para quem o signo linguístico e suas reflexões e refrações do real são mediações entre o sujeito e o objeto. Depreende-se daí que as palavras não são neutras, mas carregadas de valores sociais. Isso é perceptivelmente expressivo na construção da obra de Carolina, enquanto diário de viés autobiográfico, uma vez que as reflexões do real ali são permeadas de mediações, como classe social, ideologia, etnia, faixa etária, estilo e, ao serem representadas pelo discurso literário, *refletem e refratam* parte da realidade externa à autora. Neste artigo, entende-se que a linguagem é central para a constituição do ser humano. Este, ao interagir com o mundo, utiliza-se da linguagem para dizê-lo, recriá-lo, carnavalizá-lo, criticá-lo ou enaltecê-lo. Nessa interação com o mundo, via linguagem, o ser social vai também se constituindo uma vez que esse discurso sobre o real também atinge o sujeito enunciadador, visto que dele parte e, simultaneamente, também o institui. A linguagem recria o mundo exterior ao homem e, nesse processo, o homem também se constitui enquanto ser social. A linguagem é criação na acepção grega de *poiesis*. Assim, percebemos que a personagem narradora do texto em tela, ao escrever o seu diário, vai nominando o mundo e a si em um processo de dupla criação. A linguagem de *Quarto de despejo* nomeia o mundo não tão qual é, mas a partir de um cronotopo único e específico. Entretanto, embora haja essa singularidade, percebe-se a sua vinculação ao contexto material-histórico quando vai nomeando e recriando os dados externos como a favela de Canindé, o trabalho de catadora de lixo, a cidade de São Paulo, a lide cotidiana dos trabalhadores humildes, as condições subumanas de existência. Essa recriação liga-se a esse universo material, mas o faz a partir da linguagem e esta recupera discursos sobre esse externo. O objeto da autora, ou seja, a sua luta cotidiana pela sobrevivência, já se encontra em parte também narrado por outras vozes. Essas vozes adentram o universo da linguagem de *Quarto de despejo* e a sua representação se apresenta densa, complexa, literária. A autora vai em busca de narrar o objeto, mas já o encontra discursado e neste cipoal de vozes, orienta-se, recriando-o à sua maneira. A sua linguagem é fruto de experiência imediata com as coisas, mas também passa pelo filtro do discurso escrito visto que além de catadora de lixo é também leitora contumaz. Assim, o seu discurso é duplamente construído, ora por uma materialidade imediata, ora pelos discursos dos outros que também dizem essa materialidade. Aqui, seguindo nossos teóricos de base, advogamos uma teoria materialista do signo, sem descuidar da dimensão discursiva que também forma as palavras.

Há também outra centralidade importante na instituição desse sujeito discursivo que é o trabalho que exerce. Neste artigo, destacamos a atividade laboral como ontológica e formadora do ser social. Vincula-se esta análise à investigação da centralidade da linguagem e do trabalho no que se refere à formalização literária da personagem narradora do texto em discussão. Assim procedendo, a pesquisa tem um fulcro interdisciplinar ao se instrumentalizar em dois campos de investigação, a saber, a Sociologia do Trabalho e a Filosofia da Linguagem.

Parte-se aqui da teoria materialista histórica de Marx (1996), de parte da obra de Engels (1990) e Lukács (2004) para se fundamentar a análise do universo do trabalho, uma vez que esses autores nos fornecem uma leitura de conjunto profunda para a compreensão da sociedade do trabalho e seus determinantes. Para o entendimento da importância do trabalho como categoria fundante do ser social, valer-nos-emos da obra magistral de Marx, *O Capital* (1996), em que o trabalho é visto em contradição com o capital e o trabalhador associado como sujeito capaz de revolucionar as estruturas sociais e econômicas. Para Marx (1996) o trabalho é central como elemento constituinte do ser social e também como campo de luta contra o capital. Ainda nessa linha ontológica, o pensador Engels (1990) nos fornece também a base para aprendermos o papel decisivo do trabalho na constituição do ser social. A passagem do animal ao ser social é decorrência direta do universo do trabalho. Adentrando o século XX, na continuação das ideias de Marx e Engels, utilizaremos parte da obra de Lukács (2004) para quem o trabalho é *protoforma da práxis social*, constituindo o homem enquanto ser social. Para esse autor, o trabalho instaura a subjetividade, a liberdade de escolha e a capacidade de planejamento devido à sua teleologia. Embora, Engels e Lukács enfatizem a centralidade do trabalho, destacam a problemática da linguagem como uma criação de segunda ordem, em um processo mais avançado de mediação do homem em relação às coisas. Esse substrato teórico do mundo do trabalho vai nos permitir ler e analisar em parte a referida obra em que esse universo se acha representado literariamente.

Nossa análise também se embasa no texto de Bosi (2002), no capítulo *Narrativa e resistência* em que o crítico trata das articulações entre texto literário e universo ético, postulando a necessidade da Literatura se constituir enquanto campo de resistência a um mundo degradado e desumano. A resistência pode se dar no campo temático ou ocorrer em épocas de extremo autoritarismo e práticas monológicas. Também se formaliza mediante expedientes formais discursivos como a sátira, a ironia, a pluralidade de vozes que são

elementos internos à narrativa, propiciando um embate do discursivo narrativo frente aos fatos sociais e históricos que recria. A obra de Carolina se configura em um discurso que denuncia a precariedade material e existencial do universo narrado. Tanto a temática quanto as estratégias discursivas utilizadas para narrar a vida da personagem principal, em sua luta pela sobrevivência, atestam o fato de que a obra se configura como discurso de resistência contra a pobreza, a miséria, a falta de humanidade nas relações sociais concretas. A narradora, ao se utilizar de uma linguagem literária e poética para narrar o seu cotidiano precário, opera uma verdadeira resistência à coisificação e humilhação que o sofrível universo do trabalho de catadora de lixo lhe impõe. Aquele universo que estafa no limite o corpo físico e a presença da fome ininterrupta são antagonistas do trabalho imaterial. Entretanto, Carolina consegue driblar esse mundo de ruínas e representá-lo a partir de uma linguagem literária em que o transcende pela crítica, resistindo a ele e dele se afastando. O trabalho diurno que a subjuga à condição de animal é transcendido pelo trabalho imaterial da escritura que empreende na parte da noite. A escrita do diário é uma forma de luta contra as agruras do universo do trabalho. O trabalho lhe propicia o sustento material e a escritura o sustento espiritual. Consegue transcender pela linguagem a coisificação imposta pelo trabalho físico. Todavia, a linguagem é também fruto desse trabalho. Está presa ao imediato, mas o ultrapassa no âmbito do discursivo. O sucesso da obra *Quarto de despejo* inclusive lhe permite deixar o universo do submundo, porém, a ele retorna, pobre, sozinha e ali vem a falecer. As razões da canonização da obra e o posterior esquecimento da autora pelo mundo dos leitores e críticos não serão abordados neste artigo visto que não é o foco do presente trabalho.

Como obra de cunho social e de temática presente no cotidiano dos grandes centros urbanos, *Quarto de Despejo* merece uma revisitação por ser um caso singular no contexto literário brasileiro. Não se limita aos anos 50 ou 60, porque a realidade das mazelas sociais retratada por Carolina em seu diário existiu e existe, e em razão disso é altamente contemporânea. Portanto, não se esgotaram as possibilidades de investigação da obra e o propósito do presente artigo é lançar uma breve luz em um campo de análise novo na obra de Carolina, que se revela como terreno fértil de investigação, ou seja, as articulações entre a linguagem e o trabalho. Essa pesquisa vincula-se à linha de pesquisa “Formalização discursiva do universo do trabalho e da tecnologia em textos literários”, campo de investigação ainda pouco explorado no cenário acadêmico.

Quarto de Despejo é uma obra que apresenta farto material acadêmico, especialmente no campo das humanidades. Os enfoques são variados, como se poderá ver sumariamente nas seguintes produções mais representativas que se selecionaram aqui: a tese de Magnabosco (2002) discute as questões de gênero na obra, à luz de teorias críticas feministas; a tese de Perpétua (2000) analisa as razões do êxito comercial da obra de Carolina; a tese de Sousa (2004) foca-se no trabalho memorialístico dos escritos de Carolina, no que a autora destaca e no que ela deixa para trás em seus relatos; o artigo de Machado (2006) apresenta uma pesquisa no domínio social-histórico, apontando as determinações sociais, geográficas, linguísticas e históricas que atuaram na escrita e na recepção de *Quarto de Despejo*; o artigo de Silva (2008) focaliza o contexto histórico-literário em que viveu Carolina, em diálogo com os discursos sobre a negritude em voga nos anos de 1960. Desse modo, o nosso foco apresenta certo ineditismo, justificando-se a pesquisa da obra a partir de novo mirante.

A TRAJETÓRIA DE UMA ESCRITORA ORGÂNICA

A vida de Carolina Maria de Jesus dá um livro, literalmente. Descendente de escravos africanos nasceu em 1914, na cidade de Sacramento, Minas Gerais. Trabalhava com a família como lavradora e doméstica e, quanto à educação formal, estudou só até o segundo ano do primário. Mudou-se para São Paulo na década de 30 e passou a morar na favela do Canindé e a extrair o seu sustento da reciclagem do lixo urbano. Mãe solteira de três filhos⁴, Carolina destoava do ambiente em que vivia; detestava a favela e não se acostumava com as brigas diárias, com as fofocas das mulheres, com as ofensas e com o grande mal que a rondava diariamente e tinha até cor⁵: a fome. Entre as agruras de um dia e outro passa a registrar o seu áspero cotidiano em cadernos velhos que encontrava no lixo, atividade que lhe dava grande satisfação. A escritura lhe dá prazer; o trabalho, o sustento, sendo ambos centrais na constituição da personagem. As relações entre o texto e o contexto, as palavras e as coisas,

⁴ Seus filhos, João José de Jesus, José Carlos de Jesus e Vera Eunice de Jesus Lima, eram todos de pais diferentes, e a própria Carolina afirmava em seu outro livro *Diário de Bitita* (1986), que “isso não combina com a etiqueta de escritora”.

⁵ O problema da fome na vida de Carolina era tão cruel que ganha a força de um personagem em seus registros: *Como é horrível ver um filho comer e perguntar: - Tem mais? Esta palavra “tem mais” fica oscilando dentro do cérebro de uma mãe que olha as panela e não tem mais* (JESUS, 1995, p. 34). Para Carolina, a fome também era comparada à cor amarela: *Que efeito surpreendente faz a comida no nosso organismo! Eu que antes de comer via o céu, as árvores, as aves tudo amarelo, depois que comi, tudo normalizou-se aos meus olhos* (JESUS, 1995, p.40).

são bastante complexas. Há inúmeras teorias da linguagem que discutem essa questão. Neste artigo, não há espaço suficiente para tal análise. Todavia, é mister salientar que entendemos o texto em questão na sua relação com a realidade de onde parte. A obra apresenta-se em forma de diário, foco em primeira pessoa. A biografia da autora é bastante próxima da vida da narradora do diário. Não há como desvincular a autora da narradora; porém, não perceber que o foco narrativo é uma criação literária é não entender a especificidade do texto criativo. A autora cria uma personagem para falar de si, distanciando-se de si mesma e vendo-se de modo exotópico. Outros discursos sobre essa personagem também emergem na obra, sendo ela, portanto, visualizada por outras vozes. Carolina de Jesus, ao falar de si, cria personas literárias que a dizem. Nesse sentido, não é possível assegurar a homologia entre autor e narrador visto que ocorre a recriação literária discursiva dos dados externos, ou seja, do verdadeiro autor que passa a ser um ente literário. Essa relação, no entanto, é complexa, orgânica e indissociável visto que é dada por intermediação da linguagem literária que não documenta o objeto em sua plenitude e totalidade. Aliás, é importante salientar que não existe nenhuma linguagem capaz de fotografar o real *ipsis literis*, sendo assim impossível se fazer uma ligação direta entre autora e narradora. Entretanto, as duas dimensões se *refletem e refratam*, se associam e se dissociam, seguindo-se a concepção materialista da linguagem encontrada no círculo bakhtiniano de estudos. Desse modo, o pequeno levantamento da biografia da autora é apresentado para iluminar o universo recriado pela narradora do diário, visto que há semelhanças entre o ser social e histórico e o constructo literário. São inúmeras as passagens que atestam a ligação entre a obra e a vida da autora. A seguir duas bastante significativas: “Tem hora que eu odeio o repórter Adáulio Dantas. Se ele não prendesse o meu livro, os manuscritos iam para os Estados Unidos e já estava sossegada” (JESUS, 1995, p.109); “Li o artigo e sorri. Pensei no repórter e pretendo agradecê-lo. (...) Troquei de roupas e fui na cidade receber o dinheiro da Vera. Na cidade eu disse para os jornalheiros que a reportagem do *O Cruzeiro* era minha.” (JESUS, 1995, p. 150).

Mesmo com a parca escolaridade, Carolina produziu mais de duas mil páginas de manuscritos e alimentava o sonho de mudar de vida por meio da publicação desse material, caso alguém se interessasse por ele: “É que eu estou escrevendo um livro, para vendê-lo. Viso com esse dinheiro comprar um terreno para eu sair da favela” (JESUS, 1995, p.25). No início

de 1958, o jovem alagoano Audálio Dantas⁶, então repórter do jornal *Folha da Manhã* e da revista *O Cruzeiro*, encontra⁷ Carolina:

Entrei na história deste livro como jornalista, verde ainda, com a emoção e a certeza de quem acreditava poder mudar o mundo. Ou, pelo menos, a favela do Canindé e outras favelas espalhadas pelo Brasil. Repórter, fui encarregado de escrever uma matéria sobre uma favela que se expandia na beira do rio Tietê, no bairro do Canindé. Lá, no rebuliço favelado, encontrei a negra Carolina, que logo se colocou como alguém que tinha o que dizer. E tinha! Tanto que, na hora, desisti de escrever a reportagem. (DANTAS, 1995, p.3)

Dos vinte cadernos de Carolina, Audálio Dantas selecionou os trechos mais significativos, e publicou em 1960, o que seria o *Quarto de Despejo*. Segundo ele, foi mantida a fidelidade linguística do texto de Carolina, que muitas vezes contraria a gramática, mas que por isso mesmo traduz com realismo a linguagem da autora.

O sucesso de *Quarto de Despejo* foi extraordinário. Era um livro original para a época e poucos meses a partir de seu lançamento atinge a marca dos cem mil exemplares vendidos: “O sucesso do livro foi também o sucesso pessoal de sua autora, transformada de um dia para outro numa patética Cinderela, saída do borrvalho do lixo para brilhar intensamente sob as luzes da cidade” (DANTAS, 1995, p. 4). Renomados escritores, como Rachel de Queiroz e Manuel Bandeira, também se posicionaram sobre os escritos da autora e, ao longo dos anos 60, durante o período de auge da obra de Carolina, *Quarto de Despejo* foi traduzido para treze idiomas, sendo objeto de importantes estudos sociológicos fora do Brasil.

A *cinderela negra*⁸ pertence agora a outro patamar social e não ficou imune aos deslumbramentos que a fama lhe trouxe e às angústias da nova posição social:

Foi assediada por numerosas pessoas que nunca havia visto e que lhe pediam dinheiro, um trator ou uma máquina de costura. Foi generosa com muita gente. Pagou passagem de avião para uma retirante que encontrara por acaso num aeroporto, sapato para um garoto pobre que viu na rua. Deu teto a desabrigados, comprou roupa e adornos para a família. Realizou o sonho da

⁶ Jornalista brasileiro nascido em 1929, atualmente é vice-presidente da *Associação Brasileira de Imprensa* (ABI) e diretor executivo da revista *Negócios da Comunicação*.

⁷ Antes de Audálio Dantas descobri-la, Carolina tentou ganhar algum dinheiro com os seus escritos, mas foi vítima de preconceito: *Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta.* (JESUS, 1995, p.58).

⁸ Epíteto conferido a Carolina na obra MEIHY, José Carlos S. B; LEVINE, Robert M. *Cinderela negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.

casa própria. Expôs-se muito e, por isso, foi consumida e descartada. (MACHADO, 2006, p.108)

Como uma mercadoria que se utiliza enquanto tem serventia, Carolina foi consumida pela mídia e pelo mercado editorial afoitos em se beneficiar do sucesso da neófito literata. Seus livros subsequentes *Casa de alvenaria* (1961), *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (s/data) e *Diário de Bitita* (1982)⁹ tiveram pouquíssima repercussão no universo literário e midiático. Pouco tempo depois, distante da mídia e do *glamour* proporcionados por *Quarto de Despejo*, foi também descartada pelos mesmos órgãos midiáticos que a auxiliaram a chegar ao estrelato.

Em situação econômica bastante precária, Carolina teve que vender a casa de alvenaria que conseguiu comprar em São Paulo. Pouco tempo depois, em 1977, a escritora falece aos 62 anos em situação econômica decadente, e os jornais, ao noticiar o fato, corroboravam em degradar a imagem de Carolina:

- Carolina Maria de Jesus: morreu a escritora favelada que escrevia para acabar com as favelas (Jornal do Brasil, 14/2/77);
- Morre Carolina, a escritora da favela (Notícias populares, 14/2/77);
- Carolina Maria de Jesus: a morte longe da casa de alvenaria (Jornal do Brasil, 14/2/77);
- O triste epílogo: Carolina de Jesus (Diário da Noite, 15/2/77);
- O fim de Carolina, pobre e já no esquecimento (O Estado de S. Paulo, 15/2/77);
- Um enterro pobre para a escritora da favela (Notícias populares, 15/2/77);
- Carolina Maria de Jesus – o ponto final da escritora favelada (Revista Fatos e Fotos, 28/2/77)¹⁰.

Carolina de Jesus pode ser considerada uma intelectual orgânica na acepção de Gramsci (1995) que advoga a indissociabilidade entre o saber intelectual e o popular, não

⁹ Publicado pela primeira vez na França. No Brasil, a primeira publicação do livro de memórias de Carolina acontece só em 1986.

¹⁰ Fonte: Machado (2006).

erudito. O autor italiano enfatiza a necessidade de haver inclusive uma política cultural que promova intelectuais advindos das classes populares quando destaca:

Trabalhar incessantemente para elevar intelectualmente camadas populares cada vez mais vastas, isto é, para dar personalidade ao elemento da massa, o que significa trabalhar na criação de elites intelectuais de novo tipo, que surjam diretamente da massa e que permaneçam em contato com ela para tornarem-se os seus sustentáculos. (GRAMSCI, 1995, p. 18).

Carolina é representante das camadas populares uma vez que seu contexto de vida vincula-se diretamente a esse extrato social. O seu discurso parte desse cronotopo espacial e temporal, sendo legítimo no sentido de falar a partir dele e não somente sobre ele. Entretanto, o seu discurso se diferencia uma vez que se acha determinado em parte pela tradição escrita culta visto que a autora é leitora de textos literários. A autora apresenta uma linguagem híbrida que recorre à tradição literária e ao código escrito culto, utilizando-se em parte, de suas formas e gêneros, e simultaneamente, faz migrar formas de expressão e de vida populares e proletárias para o interior de suas narrativas. O tratamento dado ao contexto popular na obra parte de um mirante bem próximo à autora visto que ela pertence a esse local em sua origem e essa visão de dentro da classe operária, por vivência e experiência próprias, faz com que se afaste de soluções maniqueístas, pintando a classe operária a partir de estereótipos com os quais não é raro ser representada. A linguagem é a um só tempo culta e inculta, apresentando variações entre um discurso cotidiano, chão, distante do erudito e ao mesmo tempo, literário, transcendendo o imediato ou o pragmático da situação discursiva. Desse modo, a autora é orgânica no sentido de apresentar um discurso de dentro das classes subalternas, agenciando construções vocabulares e sintáticas próximas desse universo, mas daí também se distancia à medida que, por ser leitora de textos literários e escritora que se utiliza dos recursos da língua escrita culta, localiza-se fora desse cenário. Parece que, em virtude de sua linguagem, tanto se aproxima quanto se afasta da realidade material em que vive. Pode-se dizer que é um tanto distópica uma vez que pertence e não pertence a dois universos: à favela e à classe letrada. A linguagem ora se aproxima do contexto da miséria material e da ausência de educação formal, ora se vincula ao contexto da educação erudita e dos valores liberais-burgueses, pleiteando sair da favela, deixar a pobreza e viver em uma “casa de alvenaria”, tendo reconhecimento no universo literário, inclusive. Esse mundo de ruínas no qual está inserida faz parte de sua linguagem, mas é recriado pelo universo de vozes

literárias que povoam o texto e o instituem como híbrido entre o imediato e o discursivo literário.

LINGUAGEM, TRABALHO E VIDA SE ENTRELAÇAM

Carolina Maria de Jesus se valeu da escrita como forma de comunicação com o mundo e a sua obra principal é arquitetada sob a forma de um diário de viés autobiográfico. Nesse caso o interlocutor é tanto ela mesma quanto os outros, pois tem o desejo de publicar a obra. A linguagem, como um fato social, está centrada na necessidade de comunicação e o locutor/narrador tem sempre um interlocutor em potencial. Segundo Bakhtin/Volochinov (1986), o dialogismo parte do princípio linguístico de que todo ato de linguagem sempre leva em conta a presença, ainda que invisível, de alguém para quem se fala ou se escreve. Assim, o processo comunicativo é criado tendo em vista um interlocutor. Toda enunciação é social à medida que se endereça a alguém ou a uma época como resposta ou réplica. Carolina escreve como forma de resistir à precariedade de sua existência material, endereçando esse discurso de resistência a si mesma e ao público. A escritura potencializa as suas energias para sair desse universo tanto de forma simbólica ao retratá-lo discursivamente, criticando-o quanto de forma pragmática, visando à publicação do diário e, com isso, obter meios materiais de sair do mundo precário.

A linguagem escrita é encarada por Carolina como um refúgio da dureza cotidiana e também como uma arma de denúncia social: “Vou escrever um livro referente a favela. Hei de citar tudo que aqui se passa. E tudo que vocês me fazem. Eu quero escrever um livro, e vocês com estas cenas desagradáveis me fornece os argumentos” (JESUS, 1995, p.17). Em seu relato há juízo de valor sobre o próprio trabalho e o dos vizinhos, a ociosidade de alguns indivíduos, a situação econômica e política da época, a condição do negro brasileiro, o trabalho imaterial, o universo religioso e também acerca do amor, da família e das amizades e inimizades. A favela surge em seu discurso como um local duro, inóspito e do qual quer se afastar.

Para alguns pesquisadores, *Quarto de Despejo* é considerado como material estritamente documental ou escritos de testemunho¹¹, todavia, concebe-se aqui a obra de

¹¹ *Quarto de Despejo* também não é considerado literatura em alguns âmbitos acadêmicos por ser uma obra que vem do mundo da marginalidade social. Logo, por ter uma escrita um tanto desconexa e não obedecer aos

Carolina como um discurso híbrido entre o intento documental e o literário, uma vez que traz em si não só um conteúdo com caráter de denúncia social, mas também apresenta um valor estético, rico em vocábulos inusitados, poéticos e linguagem singular. Acreditamos que a linguagem de resistência de que trata Bosi, já mencionado, ocorre justo por esse caráter dual entre o simplório, documental e literário, causando estranheza ao leitor. Bosi salienta que uma das formas de resistência do discurso literário reside nos elementos internos da tessitura linguística. Nos excertos a seguir percebe-se plenamente esse misto entre o concreto da pobreza e o simbólico da linguagem literária a compor o discurso: “A noite está tepida. O céu já está salpicado de estrelas. Eu que sou exótica gostaria de recortar um pedaço do céu para fazer um vestido”. (JESUS, 1995, p.28). A linguagem remete ao pragmático, pois a necessidade de se vestir é premente, advinda da vida miserável que clama o vestuário, mas é impregnada do *nonsense*, do insólito, do simbólico que neutraliza a racionalidade. O vocábulo *exótico* também remete à condição distópica da personagem visto que pertence às classes necessitadas, ou seja, deve procurar o pragmático da existência, mas também poetiza sobre esse imediato: o tecido que fará a roupa provem de um pedaço do céu, causando estranhamento. O imediato irrompe no discurso, mas é tratado literariamente, sendo formalizado a partir de uma chave simbólica. A dicotomia entre o chão, o imediato e o céu criam uma associação e um distanciamento radicais dentro de um só enunciado que serve a dois senhores, ou seja, o pragmático da existência e o simbólico.

Nos excertos seguintes, a título de exemplificação, a linguagem híbrida se consubstancia entre o erudito e o popular oral, entre a denúncia social, o documental e o histórico de longa duração: “Na minha opinião os atacadistas de São Paulo estão se divertindo com o povo igual os Cesar quando torturava os cristãos. Só que o Cesar da atualidade supera o Cesar do passado. Os outros era perseguido pela fé. E nós, pela fome!” (JESUS, 1995, p.129). Aqui também o discurso é premido pelo imediato quando remete à denúncia da fome em contraposição à fé. O passado é revisitado pelo presente e é, nesse cronotopo, que ocorre a revisão crítica. Entretanto, o objeto imediato, ou seja, a sua sobrevivência cotidiana, é dada em contraposição a uma memória discursiva de longa duração. O discurso aí vai ao objeto, mas se vale de outras vozes sociais para dizê-lo.

padrões gramaticais em sua integralidade, não seria digna de ser estudada como literatura na Academia. Na contramão dessa visão, Sousa (2004) a defende como obra literária em sua tese de doutoramento. Este artigo, atentando para o hibridismo da linguagem já referido e vinculado à questão do intelectual orgânico, também advoga a literariedade da obra.

Em outra passagem, nota-se a intertextualidade literária a constituir o discurso, comprovando essa dualidade linguística que ora é erudita, ora, coloquial popular: “Parece que este cigano quer hospedar-se no meu coração (...). Ele parece o Castro Alves. Suas sobranceiras unem-se.” (JESUS, 1995, p.134). Há inúmeros momentos intertextuais a comprovar a dualidade do discurso em que a autora oscila entre a tradição e a pragmática discursiva: “E eu pensei no Casimiro de Abreu que disse: ‘A vida é bela. Ri, criança’. Só se a vida era boa naquele tempo. Porque agora a época está apropriada para dizer: Chora criança. A vida é amarga.” (JESUS, 1995, p.32). A aparente simplicidade e falta de lógica dos escritos de Carolina inquieta o leitor à medida que este percebe a riqueza de conhecimento, o amor pelas palavras e o gosto pela poesia. O seguinte trecho salta aos olhos ao revelar que a escritora preteriu um casamento por amor aos livros:

O senhor Manuel apareceu dizendo que quer casar-se comigo. Mas eu não quero porque já estou na maturidade. E depois, um homem não há de gostar de uma mulher que não pode passar sem ler. E que levanta para escrever. E que deita com lápis e papel debaixo do travesseiro. Por isso é que eu prefiro viver só para o meu ideal. (JESUS, 1995, p.44)

Em diversos momentos da sua narrativa, a autora oscila entre o grotesco e o poético, criando uma beleza linguística ímpar para uma pessoa semi-analfabeta que viveu em condições tão precárias. Exemplo: “Se estou grávida não é de sua conta. Tenho pavor dessas mulheres da favela. Tudo quer saber! A língua delas é como pés de galinha. Tudo espalha. Está circulando rumor que eu estou grávida! E eu, não sabia”. (JESUS, 1995, p.12). O discurso sobre si vem da fala da vizinhança, mas é dado a partir de imagens literárias raras e inusitadas uma vez que sofre o enquadramento pelo contexto narrativo que ao defini-lo como “pés de galinha” que tudo “espalha” o desautoriza. O enquadramento da voz de outrem é estratégia discursiva fundamental para se avaliar o dialogismo interno da linguagem. O discurso sobre si comporta a voz do outro, mas é desacreditado. Entretanto gera a incerteza e pode trazer uma verdade sobre a narradora, ocorrendo uma tensão dialógica.

O excerto a seguir é singular da tessitura da linguagem ligada ao concreto da existência e de como as condições reais deflagram metáforas inusitadas e novas:

Esquecendo eles que eu adoro a minha pela negra, e o meu cabelo rustico. Eu até acho o cabelo de negro mais iducado do que o cabelo de branco. Porque o cabelo de preto onde põe fica. É obediente. E o cabelo de branco, é

só dar um movimento na cabeça e ele já sai do lugar. É indisciplinado. Se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta. (JESUS, 1995, p. 58).

Todo ato de linguagem participa, mesmo que em um pequeno grau, da intenção de convencer, de persuadir o leitor e também imaginar e prever as possíveis reações desse leitor. Na narrativa de Carolina, ao relatar parte de seus infortúnios do dia 29 de maio de 1958, a autora escreve que prepara seus escritos para os que a forem ler: “...Há de existir alguém que lendo o que eu escrevo dirá...isso é mentira! Mas as misérias são reais.” (JESUS, 1995, p.41). O interlocutor de Carolina, além dela mesma como já referido, é também aquele a quem ela deposita suas esperanças para sair da situação precária em que se encontra e alcançar uma condição de vida melhor visto que deseja a publicação dos manuscritos. Esse interlocutor está presente em todos os momentos da narrativa, constituindo-se o diário também de forma a problematizar as condições de leitura e de escrita. Várias são as passagens em que a narradora explicita sua arte poética e sua filosofia da linguagem. As passagens seguintes atestam essa problematização: “ Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria.” (JESUS, 1995, p.54). E “Se a gente pudesse escrever sempre elogiando! Se eu escrever que o Valdemar é bom elemento quando alguém lhe conhecer não vai comprovar o que eu escrevi” (JESUS, 1995, p.64). A linguagem tem poder de nomear e deve estar ajustada ao objeto, dizendo-o. Todavia, as palavras podem ser escolhidas mediante a visão exotópica que se tem do objeto. O discurso é uma escolha do sujeito enunciador, mas também é determinado pela coisa. Há aí uma complexa visão sobre a associação e dissociação entre as palavras e as coisas.

Depreende-se, pois, que a linguagem, corporificada na leitura e no trabalho imaterial da escrita, tem um papel central na vida de Carolina. É por meio dela que a autora suporta as asperezas de seu cotidiano e preenche o seu vazio de sentido.

Aqui, todos imprecam comigo. Dizem que falo muito bem. (...) Quando fico nervosa não gosto de discutir. Prefiro escrever. Todos os dias eu escrevo. Sento no quintal e escrevo”.(JESUS, 1995, p.19); “Li um pouco. Não sei dormir sem ler. Gosto de manusear um livro. O livro é a melhor invenção do homem. (JESUS, 1995, p. 22).

E também é por meio da linguagem que Carolina tem acesso a outros discursos, que não só os do mundo da precariedade. Pela linguagem, Carolina tem acesso aos mundos fictícios que constrói, acesso a outras culturas e a vocábulos que outrora nem cogitava

existirem. É por meio dos seus escritos, que exerce o seu direito à voz e a sua resistência. A linguagem da autora é multifacetada, comportando o caráter de denúncia e de crítica, desnudando o mundo sofrido da favela; construindo discursos híbridos intertextuais, chamando para a narrativa autores canônicos e questionando-os; englobando discursos de pragmatismo impregnados do contexto imediato premido pelas necessidades básicas de subsistência. Assim, enquadrando esses vários contextos, a linguagem se constrói de forma complexa e pluriestilística.

O MUNDO DO TRABALHO

O mundo do trabalho e dos indivíduos marginalizados, que vivem em condições de indigência estão representados no livro. Faz-se presente também todo um universo de ociosidade, de mendicância e do não-trabalho. A sociedade em que vive Carolina se sustenta ideologicamente no trabalho, e este é atividade fundamental à sobrevivência, mas não por isso garantia de satisfação pessoal ou componente de dignificação do homem, como se verá mais adiante. Os discursos e práticas de controle sobre o universo laborativo, presentes na narrativa, orientam-se pelos valores oriundos da “ordem do trabalho”, ordem essa que concebe o trabalho como atividade que produza valor para o capital. Além disso, os discursos em torno dessa temática, especialmente os vigentes na década de 50, período em que Carolina de Jesus escreve seu diário, defendem o trabalho como fonte de riqueza e criação, força moral e base de toda a dignidade. Logo, aqueles que vivem na atividade informal, na ociosidade ou na mendicância atestam a sua própria condenação, pois estão à margem da sociedade que sacraliza a ordem e esses discursos.

Carolina infringe essa ordem, uma vez que vive em um núcleo periférico urbano que é a favela do Canindé, marginalizado, em que quase todos os habitantes são massacrados pela fome cotidiana, pela ausência de condições sanitárias mínimas, pela ausência de educação escolar e pelo subemprego. Para sobreviver, ou dependem da caridade governamental e religiosa, ou adentram o mundo da criminalidade ou exercem o subemprego, como catar papéis e outros materiais reaproveitáveis para sobreviver: “Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los”. (JESUS, 1995, p.14). Mesmo suportando a fome, a exclusão e o preconceito, Carolina não tinha autocomiseração, mas alimentava um sentimento de dignidade e caráter ao batalhar pelo

próprio pão e ser contra o roubo, comportamento exercido por muitas pessoas que se encontram em situação de exclusão semelhante à dela: “A única coisa que você sabe fazer é catar papel. Eu disse: - Cato papel. Estou provando como vivo!” (JESUS, 1995, p.17). Seu trabalho não lhe trazia nenhuma satisfação, mas era por meio dele que ela mostrava à sociedade e aos ociosos da favela, que ela tanto condenava, que era uma pessoa íntegra. Aqui, vemos que o discurso de Carolina comporta um ideário liberal-burguês que dignifica o trabalho e critica o elemento ocioso. A personagem denuncia a vadiagem de seus vizinhos, colocando-se acima deles à medida que exerce uma atividade laboral para seu sustento. Novamente surge a condição distópica dela em seu discurso visto que, ora se percebe igual aos marginalizados ora, diferente. O trabalho físico que exerce é precário e a entristece, mas ela o percebe também como forma de se afastar da ociosidade e da criminalidade. Aí, o seu discurso comporta um ideário burguês de dignificação do trabalho, não importando qual seja, configurando-se uma perspectiva conservadora.

Catava papel no *Klabin*, que era a Companhia Fabricadora de Papel, fundada por Maurício Klabin, um dos pioneiros da industrialização no país. Sua jornada de trabalho é intensa, pois sua sobrevivência depende do que os compradores do material catado por ela vão pagar, o que geralmente é um valor muito baixo. Disso aumentará a sua disponibilidade para o trabalho, pois tem que garantir o mínimo para a sua sobrevivência. Além de papel, catava ferros e outros metais (atividade que prejudicou o seus rins) e também lavava roupas para fora. Mas tinha sonhos mais altaneiros que não se limitavam ao seu trabalho imediato.

O meu sonho era andar bem limpinha, usar roupas de alto preço, residir numa casa confortável, mas não é possível. Eu estou descontente com a profissão que exerço. Já habituei-me andar suja. Já faz oito anos que cato papel. O desgosto que tenho é residir na favela. (JESUS, 1995, p.19)

O dinheiro que Carolina arrecada com o suado trabalho não é suficiente para suprir suas demandas básicas e as de seus filhos. O que rendia da venda do lixo servia parcamente para o mantimento imediato, mas não para acabar com a luta infausta contra a fome: “Pensei na vida atribulada que eu levo. Cato papel, lavo roupa para dois jovens, permaneço na rua o dia todo. E estou sempre em falta”. (JESUS, 1995, p.9).

Visto a extrema pauperização em que se encontra, e pela sua condição de reprodução existencial, Carolina se aproxima da categoria de lumpemproletário proposta por Marx¹². Como trabalhadora da informalidade e exercendo pequenos biscates, ela é marginalizada e destituída de seus direitos básicos, vivendo quase em situação de farrapo humano, assim como outros indivíduos precarizados narrados na obra. Essas pessoas são descartadas e colocadas fora do sistema de circulação do universo de trabalho formal e da cidadania. Muito embora o sistema tire proveito deles, esses trabalhadores são excluídos do processo capitalista que se constitui da compra e da venda da força de trabalho, dentro de condições mínimas regidas por leis trabalhistas.

Em razão disso, a catadora de papéis também não é bem-vinda na cidade, que é o coração da exploração capitalista: “Uma senhora que regressava da feira disse-me para eu ir buscar papeis na rua Porto Seguro. No sexto andar o senhor que penetrou no elevador olhou-me com repugnancia. Já estou familiarisada com esses olhares”. (JESUS, 1995, p.98). A condição existencial da catadora reflete a degradação do ser humano e, conseqüentemente, a classe social a qual pertence. Nessa ótica, ela não vai ao centro da cidade para produzir valor para o capital, mas para atrapalhar os transeuntes e “enfeiar” a cidade.

O trabalho de Carolina não se encontra vinculado diretamente à dinâmica do processo de produção capitalista formal. Ela trabalha na periferia do sistema, mas o alimenta visto que gera valor para o sistema, sem onerá-lo. Ela também não se apresenta como sujeito consciente de sua classe social em busca de uma revolução coletiva apregoada pela tradição marxiana. O seu trabalho informal se constitui como uma intensificação da exploração de sua força de trabalho, que é um elemento necessário como condição da própria reprodução do capitalismo. Assim, a configuração do seu labor, da sua lida, da sua faina cotidiana, reflete total ausência de sentido e valor humano, servindo apenas como fonte de subsistência imediata. O que Carolina almejava era a transformação de sua vida, por meio da libertação da favela e da fome, cuja esperança estava no exercício intelectual da linguagem, no trabalho imaterial que a diferenciava radicalmente de seus pares. A luta aí é individual e não coletiva, de uma classe contra a outra. Há conflito entre o trabalho material que exerce e o imaterial. Um ocorre à luz do dia, o outro à noite. Este pode libertá-la daquele. A situação de Carolina espelha muito bem a desvalorização do trabalho físico e a qualificação do labor intelectual. Inclusive, a sua

¹² A conceituação do termo *lumpemproletário* está esparsa pela obra marxiana. Valemo-nos, portanto, da caracterização descrita nas obras *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* (1974) e *Manifesto do Partido Comunista* (2010).

negritude acentua essa condição uma vez que na História Brasileira os séculos de trabalho escravo foram responsáveis em boa parte pela visão derogatória do trabalho material e físico visto que era exercido majoritariamente pelos escravos. Vê-se na obra que o trabalho com a linguagem é a única saída de Carolina que se entrega a ele na ânsia de construir uma nova vida para si e para seus filhos. Entretanto, a literariedade de sua linguagem repousa nesse híbrido entre o contexto imediato da sobrevivência e o erudito de onde derivam os vocábulos e as construções sintáticas que causam estranheza e poeticidade. Somente lendo-se a obra na totalidade é que percebemos essa formalização literária. Outra questão que se pode colocar é a seguinte: a lide de Carolina é particular, individualizada, não é de classe, mas a sua obra remete a uma classe e pode servir como um discurso de denúncia, de resistência e de emancipação para o universo de ruínas que recria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Quarto de Despejo*, êxito de vendas na década de 60, alçou sua autora à condição de celebridade, escritora famosa de um dos maiores *best sellers* brasileiros. Não fosse por uma situação quase utópica, sua descoberta acidental por um jovem jornalista, Carolina jamais sairia do meio do lixo e da favela para brilhar ante as luzes da cidade. A linguagem multifacética e híbrida da obra, com certeza, foram fortes determinantes de seu sucesso.

A literatura é rica fonte de discursos que emanam do universo social, uma vez que o escritor, ao produzir a sua obra, posiciona-se a partir de determinado tempo e local, escutando essas vozes concretas e reais. Assim, a atividade literária, como um sistema simbólico, está imbricada ao momento sócio-histórico em que é produzida. Carolina dá voz às chamadas “minorias sociais”, pois em sua obra surge um conjunto humano representado pelos mendigos, pelos trabalhadores informais, pelos negros, pelas prostitutas e pelos indivíduos que têm o seu cotidiano pautado pela miséria e precariedade. Esse fator também foi preponderante para seu êxito visto que o universo de leitores e críticos souber ler e entender essas outras vozes sociais. A obra entra em consonância com a epígrafe que inicia este artigo, ao tratar dos deserdados em condição animalizada e bestializada. A seguir citamos dois excertos que denunciam essa situação subumana a que também nos remete Manuel Bandeira na referida epígrafe: “O custo de vida nos obriga a não ter nojo de nada. Temos que imitar os

animais” (JESUS, 1995, p. 100); e “Não mais se vê os corvos voando as margens do rio, perto dos lixos. Os homens desempregados substituíram os corvos” (JESUS, 1995, p. 48).

A narrativa, portanto, configura-se como de resistência à medida que emerge de um lugar pouco comum, haja vista que a maioria de nossos escritores não pertence às classes populares. Salientamos, no entanto, como já referido, que Carolina pertence e não pertence àquele universo em virtude de sua linguagem a um só tempo servindo a dois senhores, ao pragmatismo e ao erudito. O universo das Letras, da favela e do trabalho físico estafante determina a sua linguagem híbrida e a constituem como ser distópico, ora em um universo, ora em outro.

Da abundância de temáticas de análise na obra, a discursividade em torno da linguagem e do trabalho na vida de Carolina ganharam atenção especial neste artigo. A linguagem, corporificada no trabalho imaterial da escrita, tem um papel central na vida da autora, pois é por meio dela que a catadora de papéis realiza a denúncia social daqueles que lhe oprimem, e se refugia da dureza cotidiana que a vida miserável lhe legou.

O trabalho, por sua vez, longe de ser um elemento de satisfação na vida da autora, configura-se como uma atividade quase ausente de sentido e de valor humano. A faina cotidiana na catação do lixo e na lavagem de roupas para fora servia parcamente como fonte de subsistência imediata, mas não para acabar com a luta infausta contra a fome. Porém, o universo do trabalho a diferencia dos ociosos da favela, revelando-se aí uma perspectiva conservadora de extrato liberal burguês. Também é desse universo precário, simplório, duro e cruel do trabalho material desqualificado que a sua linguagem, em parte, resulta. Aí reside a tese aqui defendida de que a obra se sustenta à medida que é um híbrido que traz para dentro de si a realidade e a materialidade do trabalho físico e estafante e a imaterialidade e o simbólico da escrita literária. Os dados externos, do mundo do trabalho, entram para o interior do texto e são ressignificados e reconstruídos por uma linguagem a uma só tempo cotidiana, oral, coloquial e erudita. Trabalho material e imaterial se associam, refletem-se e se refratam.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. P. *Isso é literatura*. Anais do III CELLMS, IV EPGL e I EPPGL– UEMS-Dourados, 2007.

BAKHTIN, M; VOLOSHINOV, V. *Marxismo e Filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1986.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini et al. São Paulo: Editora Hucitec, 1988.

_____. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BOSI, A. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1976.

DANTAS, A. A atualidade do mundo de Carolina. In: JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*. 5.ed. São Paulo: Ática, 1995.

ENGELS, F. *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem*. Rio de Janeiro: Global, 1990.

GRAMSCI, A. *Concepção dialética da história*. 10. ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho, São Paulo: Civilização Brasileira, 1995.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo*. 5. ed. São Paulo: Ed. Ática, 1995.

_____. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Casa de alvenaria: diário de uma ex-favelada*. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1961.

_____. *Pedaços da fome*. São Paulo: Editor Águila, Ltda. 1963.

_____. *Provérbios*. São Paulo: s/editora, s/data.

LUKÁCS, G. *Ontología del Ser Social: El Trabajo*. Trad. Antonino Infranca y Miguel Vedda. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

MACHADO, M. N. da M. *Os escritos de Carolina Maria de Jesus: determinações e imaginário*. Revista Psicologia & Sociedade; 18 (2): 105-110; mai./ago. 2006.

MAGNABOSCO, M. M. *Reconstruindo imaginários femininos através dos testemunhos de Carolina Maria de Jesus: um estudo sobre gênero*. Tese de doutorado não-publicada, Programa de Doutorado em Literatura Comparada, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2002. 267p.

MARX, K. A maquinaria e a indústria moderna. In: *O capital*. Trad. Reginaldo Sant'Anna. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1975.

_____. O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte. In: *Manuscrtos Econômicos- filosóficos e outros textos escolhidos*. Coleção *Os Pensadores*. São Paulo, Abril Cultural, 1974.

_____. *O Capital*. Vol.1. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 1996.

MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Grijalbo, 1977.

_____; _____. *Manifesto do partido comunista*. Porto Alegre: L&PM, 2010.

SCHWARZ, R. (org.). *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PERPÉTUA, E. D. *Traços de Carolina Maria de Jesus: gênese, tradução e recepção de Quarto de Despejo*. Tese de doutorado não publicada, Programa de Doutorado em Literatura Comparada, Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2000. 336p.

SOUSA, G. H. P. de. *Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata*. Tese de doutorado não publicada. Programa de Doutorado em Teoria Literária, Instituto de Letras, Departamento de Teoria Literária e Literaturas/UnB. Brasília, DF. 2004, 262p.

SILVA, J. C. G. *Carolina Maria de Jesus e os discursos da negritude: literatura afro-brasileira, jornais negros e vozes marginalizadas*. *História & Perspectivas*, Uberlândia (39): 59-88, jul.dez.2008.

Data de recebimento: 06/04/2014

Data de aprovação: 24/11/2014